

Práticas institucionais com usuários de drogas e o acesso à construção de processos simbólicos

Alba Riva Brito de Almeida

Universidade Federal da Bahia/ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (albarivabrito@yahoo.com.br)

Leny Alves Bomfim Trad

Instituto de Saúde Coletiva - Universidade Federal da Bahia

Resumo

Este estudo enfoca duas experiências de intervenção junto a usuários de álcool e outras drogas numa instituição de referência. Pretende discutir questões relacionadas às práticas de atenção e cuidado a usuários de drogas e identificar a marca da construção da identidade institucional através das práticas. A metodologia privilegia a entrevista, análise documental e estudo de caso. Identifica-se que a pluralidade de estratégias e de arranjos interdisciplinares utilizados pela instituição funcionam como meios alternativos para ressignificação da droga e revelam as ações face aos modos de assujeitamento dos usuários às práticas com drogas, bem como as leituras interpretativas acerca dos determinantes psicossociais da adesão.

Palavras-chave: Práticas institucionais; drogadição; sentidos e significados.

Este texto visa trazer à discussão questões relacionadas às práticas de atenção e cuidado com usuários de drogas, procurando identificar, nas malhas discursivas extraídas de projetos específicos, os processos de trabalho que assinalam a identidade institucional.

Este estudo parte da premissa de que a produção de estratégias, modeladas pelos novos padrões de interação entre os profissionais e usuários amplia o entendimento do agir toxicomaniaco, redesenhando, a posteriori, diretrizes ao estado da arte institucional. Um processo de trabalho é, assim, iniciado, inaugurando a utilização de novos dispositivos e tecnologias que culminam por fomentar reflexões concernentes aos valores, interesses e perspectivas de produção de responsabilidade dos usuários contumazes de drogas, quanto à reordenação de suas vidas.

Num segundo momento apresentaremos, à guisa de discussão, os extratos teóricos apreendidos da experiência prática, os quais lançam luz sobre a questão dos estilos de apropriação da experiência com drogas, engendrados pelos sentidos e significados das drogas e seus usos numa determinada organização social, esta que se desvela como eventos interpretativos no acontecer do diálogo, o qual denota a subjetividade do usuário e seus deslocamentos e os modos de inserção dos discursos na ordem do mundo.

A pesquisa centrou-se em dois projetos - o Espaço de Convivência e o GAIA (Grupo de Atenção e Investigação da Adolescência) - implantados em um Centro de atenção integral aos usuários de drogas e seus familiares, cujas concepções encerram a promoção da inclusão social dessa população estigmatizada, marginalizada e excluída, não só pelo consumo das subs-

tâncias psicoativas, como também pelas condições socioeconômicas a que estão submetidas e que lhes subtraem o exercício da cidadania.

Foram entrevistados nove técnicos da instituição, com ênfase na trajetória profissional, motivação e concepção do trabalho desenvolvido na instituição, além das experiências concretas com os adolescentes.

Os diferentes modelos explicativos descritos pelos entrevistados fazem emergir a vertente da operacionalidade associada à teoria da clínica. Indica, também, a polivalência de identidade epistemológica, o que contribui para o exercício da interdisciplinaridade institucional. A possibilidade de construção de um entendimento técnico-teórico acerca do mapeamento do social que se delinea e materializa na instituição, associado aos impasses ou obstáculos operacionais das terapêuticas, parece ser um dos maiores desafios para os profissionais envolvidos nessas práticas.

O Projeto Espaço de Convivência

O Espaço de Convivência foi criado por terapeutas preocupados com as dificuldades no tratamento do toxicômano, cujos vínculos terapêuticos se mostravam, em geral, frágeis. Sua proposta preliminar foi a oferta de uma série de atividades criativas em uma dimensão sócio-artístico-cultural: teatro, música, artes plásticas e outros, para aqueles pacientes que já vinham sendo acompanhados em tratamento individual.

O Espaço de Convivência esteve preocupado com o aumento do consumo de substâncias psicoativas entre pessoas de diferentes camadas sociais e das mais diversas faixas etárias, assim como permanece atento

à gama de novas substâncias decorrentes da oferta do mercado. Seu interesse está vetorizado para a necessidade de revisão constante de práticas de intervenção nesta área:

A experiência institucional apontou para a necessidade da estruturação de ações integradas que permitissem oferecer mudanças mais efetivas na relação dos pacientes com as drogas, como também oferecer novas possibilidades de inclusão no contexto social e cultural em que estão inseridos. (Fala de um coordenador).

As consequências diretas e indiretas do uso abusivo de substâncias psicoativas são percebidas não apenas no contexto da rede pública de saúde, mas principalmente nas interfaces da vida social: na família, no trabalho, no aumento de criminalidade e na disseminação do vírus HIV entre usuários de drogas injetáveis. Segundo os entrevistados, com o advento do crack, em 1998, houve demanda significativa de tratamento na instituição, passando a ser incluídas, nos seus estudos, as categorias de exclusão e marginalização. A grande maioria dos participantes é de poliusuários, que se referem à utilização de várias substâncias ao mesmo tempo, sejam elas lícitas ou ilícitas.

A construção das práticas inscritas no Espaço de Convivência foi orientada pela constatação do exercício contínuo de atitude crítica e reflexiva dos profissionais sobre os eixos constitutivos de suas intervenções, nas perspectivas de atenção e cuidados praticados pela instituição. Portanto, é baseado na especificidade das demandas das populações de usuários abusivos de drogas que o Espaço de Convivência efetivou suas atuações, adequando as suas estratégias, as quais não cessam de emergir do seio das próprias estratégias em voga, e que surgem a partir das iniciativas dos técnicos.

Segundo os entrevistados, o trabalho desenvolvido pelo Espaço pôde ser apresentado em mostras públicas organizadas pelos próprios participantes, junto com a coordenação e produção cultural do projeto. Além disso, os integrantes participaram de encontros regulares sob a forma de fórum, quando puderam discutir aspectos relativos ao consumo de drogas, às relações familiares, ao conceito de arte e cultura e, sobretudo, ao exercício da cidadania.

O Espaço de Convivência visa criar um lugar de permanência, propiciando ao usuário de drogas um atendimento adicional e alternativo que lhe possibilite realizar, de forma mais eficiente, a entrada e/ou continuidade do tratamento. É um lugar não circunscrito numa geografia, mas na dinâmica de atividades de acolhimento aos usuários de drogas.

A experiência institucional aponta para a necessidade de estruturação destas ações integradas, de

modo que permitam o engajamento dos próprios adolescentes e jovens adultos usuários de SPA nos trabalhos realizados nas oficinas, os quais têm motivado os pacientes na construção de novos laços sociais, até então apagados pelos efeitos da substância utilizada e muitas vezes pelo envolvimento em atos delituosos que retroalimentam esse consumo. A grande parte desses pacientes não tem qualquer vínculo institucional e encontra-se brutalmente identificada como “viciados”, “marginais”, em situação de exclusão e, consequentemente, exposta a distintos riscos à sua saúde física e mental.

Seus objetivos específicos são:

- Acolher pacientes cujo perfil demande um programa de atenção e cuidados mais intensivos;
- Promover atividades que reafirmem os laços sociais do paciente e seu reconhecimento social através da produção artístico-cultural;
- Estimular a escolha particular da(s) oficina(s), facilitando o deslocamento do objeto droga;
- Ocupar, de forma criativa, o tempo de espera do paciente, entendendo-se essa espera como etapa da instalação da transferência à instituição e/ou ao terapeuta, vínculos estes essenciais na clínica psicanalítica;
- Propiciar ao paciente um suporte adicional ao tratamento individual e/ou grupal;
- Incentivar a produção artística como um novo instrumento de escolha que possibilite o deslocamento do objeto droga;
- Ampliar as possibilidades de inserção sócio-cultural de adolescentes e adultos jovens usuários de drogas através de projetos de expressão e criação;
- Oferecer recursos para que os participantes identifiquem novos interesses e talentos;
- Assegurar uma atenção mais contínua em situação de abstinência ao uso de substâncias psicoativas;
- Criar um espaço permanente de informação e prevenção de riscos e danos para os usuários de drogas.

A grande maioria dos participantes nunca realizou qualquer tratamento anteriormente. Isso denota a dificuldade de muitos dependentes buscar ajuda quando necessário, bem como aponta para a importância desse primeiro contato institucional com o dependente de drogas. Essa importância se dá pela necessidade do estabelecimento de vínculos significativos nesse primeiro contato, uma vez que essa população é muito susceptível a rupturas, com dificuldades de retorno ao acompanhamento. (Fala de um coordenador).

Desde a admissão do usuário no projeto, questionou-se sobre a possibilidade do mesmo estar ligado a alguma instituição, ter algum vínculo de trabalho

ou estar inserido em algum programa institucional. Verificou-se que significativo contingente dos participantes encaminhados não exerce qualquer atividade, nem possui qualquer tipo de vínculo com instituições. Constatou-se que muitos dos participantes jovens se encontram em situação de ruptura escolar e que, além do uso de substâncias psicoativas, estão envolvidos no tráfico, inclusive sob ameaça de morte por parte de traficantes ou policiais. Na faixa etária adulta, alguns participantes nunca exerceram atividades, ou se desvincularam destas por conta do uso abusivo de substâncias psicoativas.

O Espaço de Convivência propôs e realizou Oficinas de expressão e criação que, no seu desenvolvimento, foram acrescidas ou modificadas de acordo com o grau de resposta dos usuários do Centro. A arte aprendida na Oficina pode abrir perspectivas de algum retorno financeiro para os pacientes que se interessem pela comercialização de seus produtos.

O Projeto GAIA

O projeto GAIA (Grupo de Atenção e Investigação da Adolescência) surgiu no intuito dos profissionais de estabelecer estratégias e situar as questões levantadas pelo consumo de substâncias psicoativas pelos adolescentes, além de ampliar as possibilidades de respostas dadas pela instituição e a capacidade de atendimento aos jovens que demandam ajuda.

A necessidade de novos dispositivos para a criação de um espaço diferenciado de circulação de significantes a partir do tema “consumo de substâncias psicoativas” incentivou a busca de elementos teóricos que fundamentassem o fenômeno da adolescência, da maneira como é posto pelo discurso contemporâneo. (Fala de um técnico).

O GAIA surgiu como resposta à significativa demanda de adolescentes que buscavam atendimento no Serviço e à constatada especificidade de tal população no que diz respeito às formas de encaminhamento, no estabelecimento do vínculo institucional, na formulação da demanda de tratamento. São relevantes as diversas implicações do sujeito adolescente com o objeto droga, na singularidade do caso a caso, no nível de aderência tanto à instituição quanto ao acompanhamento ambulatorial propostos, além da consideração sobre os diferentes contextos familiares e sociais nos quais se inserem.

O Fórum Interinstitucional sobre Adolescência e Drogas, outra importante atividade do GAIA, nasceu das demandas de instituições encaminhadoras de pacientes adolescentes para a instituição, que levantavam questões não só pertinentes a atendimento clí-

nico desses pacientes, mas também relativas a uma compreensão mais ampla da relação entre esses jovens e a droga. Envolve instituições governamentais e não governamentais que trabalham com crianças e adolescentes, estudantes e pessoas interessadas no tema, promovendo a interlocução com técnicos que atuam no Serviço e convidados de diversas áreas do conhecimento.

Esses encontros têm visado não só discutir aspectos relativos ao binômio Adolescência x Drogas, mas também estreitar relações entre as instituições participantes e com a instituição, buscando ampliar o intercâmbio e os encaminhamentos entre as instituições participantes. Estabelece, de forma conjunta, algumas linhas de ação que possam auxiliar nas articulações de encaminhamentos e trajetórias dos pacientes. Foram fortalecidas e expandidas as possibilidades de incremento das discussões técnicas e contatos diretos entre os técnicos das instituições parceiras, contribuindo para a entrada de novos adolescentes e sua permanência no grupo.

Assinala-se, na proposição dos temas do Fórum Interinstitucional, assim como nas oficinas do Espaço de Convivência (estas mais ligadas ao fazer operativo), a repetição de situações concernentes ao mal-estar existencial do adolescente: situações de preconceito social e violência urbana, dificuldades de inserção escolar, paradoxos do reconhecimento da lei e vicissitudes do exercício da transgressão, questões ligadas ao risco à saúde e ao risco de morte, interveniência da mídia e dos outros recursos da tecnologia, evidências das problemáticas familiares e outros impasses e dificuldades com que os jovens se deparam nas questões sociais da contemporaneidade, decorrentes da inexistência de políticas públicas coerentes e afinadas com as necessidades dos jovens como sujeitos e cidadãos.

A circulação da palavra, que oscila entre o saber formal e o saber próprio de cada participante, como autores das cenas enunciativas, teve nesses Fóruns seu ponto de ancoragem, visto que os participantes são convidados a falar nesta convergência de interesses e atividades comuns, no âmbito do tratamento e das ações educativas e preventivas, no campo da drogadição. Sujeitos retomados em seu discurso sobre o olhar, o elaborar e o saber-fazer na dimensão de engenho instituinte, metáforas incorporadas pela instituição através da produção de trabalho interinstitucional concreto; confluência de discursos que visam acompanhar a magnitude dos movimentos das singularidades dos jovens nas formações sociais que funcionam como causa e dobradiça das reconstruções anunciadas pelos temas. Estes encontros culminaram por construir um grande painel de sentidos e significações, exibidos pelas diversas racionalidades através dos enunciados inscritos ao longo de cada apresentação.

Discussão - Contexto estrutural e suas alternativas interpretativas

A experiência institucional com usuários de substâncias psicoativas e seus familiares suscita, entre os técnicos que lidam com essa população, uma série de questões teóricas e práticas. As respostas são múltiplas entre os que tratam desse fenômeno, impondo a necessidade de se vislumbrar modelos estruturais novos, para dar conta da especificidade dessa manifestação e dos impasses que se anunciam na oferta de assistência integral.

É importante se colocar em ação os operadores da linguagem, neste trabalho com usuários de drogas. Isso porque a estereotipia do seu discurso e sua fragilidade no exercício do simbólico exigem uma abertura, por parte dos profissionais que lidam com eles, de compreensão sobre a multiplicidade dos sentidos das drogas e do modo como cada um se encaixa neste universo de sentidos tão diversificados. (Fala de um coordenador).

A captação desses dados, que reverberam desde a estrutura da ordem social, é feita através do discurso, como um dos eventos da linguagem. Para Ricoeur (1976, p. 20), “[...] um ato de discurso não é simplesmente transitório e evanescente [...] preserva uma identidade própria, a qual se aloja na estrutura de linguagem, articulada a outras redes de significações”. A natureza complexa da linguagem aqui se faz representar, visto que a linguagem é o próprio fundamento e a explicitação da materialidade de uma causalidade estrutural.

Por outro lado, Foucault (1998, p. 112) já nos alertara para o fato de que “[...] a clínica constitui uma das tentativas de ordenar uma ciência pelo exercício e decisões do olhar [...] um olhar que escuta e um olhar que fala: a experiência clínica representa um momento de equilíbrio entre a palavra e o espetáculo”. O olhar tomado pelo evento e como concepção prévia: olhar sobre o processo e sobre os sujeitos que operam segundo as diferentes perspectivas ou modelos, oferecendo alguns meios (estratégias) para tornar possível essa operação. Esta necessidade de transparência do olhar pode ser também aludida quando das contradições inerentes à problemática da exclusão ou segregação do campo das toxicomanias, no sistema de saúde do Estado.

Ainda segundo Ricoeur (1976, p. 23), “[...] o evento não é apenas a experiência enquanto expressa e comunicada, mas também a própria troca intersubjetiva, o acontecer do diálogo [...]” e o que se transfere, se desloca através dos discursos, é o seu sentido público. Para ele, “[...] referir é o uso que a frase faz numa certa situação e em conformidade com um certo uso;

o sentido é atravessado pela intenção de referência do locutor” (idem, p. 28). O discurso refere-se ao seu locutor que, ao falar, se refere ao mundo, a um modo de compreender o mundo e, dentro do nosso foco, o fato da drogadição. A concepção de que somos apreendidos nas malhas da linguagem desde o ingresso no mundo convida a uma reflexão preliminar acerca da equivalência entre linguagem e existência, no que concerne à pertinência ao mundo, mediada pelo eixo do discurso.

Uma demonstração desta função enunciativa das práticas é explicitada pelo GAIA e pelo Espaço de Convivência, os quais se distanciaram de atividades sustentadas, dentre outros, pelo discurso de combate a uma “teoria do desvio”, que acentua a dimensão motivacional do desvio decorrente do comportamento desviante concebido numa perspectiva patologizante. O atravessamento dos conceitos de desvio e segregação, contribuição efetiva da antropologia no seio da instituição, foi aprofundado pelo discurso psicanalítico, na leitura da singularidade da apropriação do mal-estar inerente aos jovens na contemporaneidade. Nesta direção, o “coração do problema” (BIBEAU; PERREAULT, 1995) seria o reflexo, na subjetividade de cada adolescente, dos lugares sociais que ocupa e das intensidades psíquicas que lhe sobredeterminam. O enfoque empregado nas atividades do GAIA e do Espaço de Convivência procura delimitar como a estrutura social e cultural produz a pressão que propicia a construção e apresentação de comportamento socialmente desviado sobre indivíduos situados de maneiras distintas naquela estrutura. Trata-se de compreender, na esteira de Becker (1973, p. 23), que “[...] os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio”. Por este ponto de vista, o desvio não é a condição do ato que a pessoa faz, mas a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao “transgressor” (BECKER, 1973, p. 8-9).

Se a linguagem é capaz de transcender a realidade cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 1966) pensamos ser possível constituir-se, como objetivo do GAIA e do Espaço de Convivência, uma ratificação das possibilidades de inserção sociocultural e de posição subjetiva no resgate da temporalidade do sujeito e do engendramento de novos sentidos para o mundo que ele constrói e vivencia objetivamente, desprovida da mistificação da realidade da droga, dissecando as funções sociais da droga. O deslocamento da relação do paciente com a droga ressignificará, como realidade tangível, as marcas de um exílio no campo das relações sociais mais amplas, principalmente no âmbito dos responsáveis pelo controle social: família, estado, escola, uma vez que sua compreensão da realidade encerra o atar e desatar pontual dos nós de linguagem, apresentados nos dialetos sedimentados pelos segmentos da realidade definidos como comunidades

de compartilhamento da droga.

Se os significados das drogas são diferentes (do ponto de vista psicológico, médico, ideológico, policial etc.), os efeitos serão diferentes para aqueles que estão sob condições sociais diferentes. Por conseguinte, os sujeitos drogaditos não podem ser contados pelas semelhanças.

A consideração única das drogas como uma representação globalizada e homogeneizada do mundo contemporâneo culmina por apagar os traços de identidade e o reconhecimento da singularidade dos usuários de drogas. As concepções teóricas vigentes na instituição envolvem a noção de sujeito, a qual está intrinsecamente vinculada à perspectiva do ser humano como um projeto articulado às idiossincrasias de cada um. Como projeto sempre renovado, não fica subsumido por modelos prévios, porque se ancora na questão de que as drogas são instrumentalizadas para finalidades diversas: afetiva, subsistência, afirmação de identidade, negação, reconhecimento, pertença e outros.

O sujeito drogadito é responsável pela produção que estabelece na montagem com o objeto-droga. As noções de responsabilidade e ética apontam para o desejo do sujeito como elemento a ser construído e tornado permanente no discurso. O sentido do ser (como subjetividade) e o estar (como estrutura preexistente) no mundo se fundem na modelagem do uso metódico de uma substância psicoativa, o que reduz a tendência à dicotomia presente em algumas análises fenomenológicas ou pragmáticas.

O recuo diante dos movimentos de inteligibilidade ou de construção de modelos justapostos a uma única vigência de pensamento sobre a relação do sujeito com a droga permite o redimensionamento do fato, hoje denominado toxicomania, trazendo para o centro da cena a singularidade de cada sujeito em sua relação com o objeto, estruturalmente grampeado pelos paradoxos sociais. Essa particularidade de relação encerra o mapeamento das razões mínimas de funcionamento da relação do sujeito com o mundo:

Um traço comum nos discursos que circulam nas oficinas é o apego ao produto que, sabemos, não é o problema. O produto é a coisa inerte; ele só vai exercer suas funções na medida em que alguém o toma e ele usa ou abusa, quer dizer, segundo os modos de uso. O fato é que o objeto-droga significa a totalidade dos interesses desses jovens, não restando o espaço vazio que poderia ser ocupado com outros investimentos no mundo. (Fala de um coordenador, 2005).

O que se constitui permanentemente nessas complexas dimensões racionais e tecnologias utilizadas na instituição em estudo é a linha da identificação do

objeto de demanda dos sujeitos que ocorrem à mesma. A concepção de um objeto cabível àquele que supostamente o apreendeu, parece ser o próprio fundamento da relação do sujeito com a droga, posto que é em torno dessa “coisa”, inacessível em seu fundamento, que ele se orienta.

Faz-se mister advertir que não é a droga como o produto em si mesmo, mas a droga-coisa, algo que, no campo do humano, pode desembocar na impossível realização de uma satisfação e na igualmente impossível adequação perfeita do sujeito aos seus objetos.

O característico do agir toxicomaniaco é tentar reenviar o sentido para o lado do significado, na medida em que descreve o objeto de sua satisfação como coisa acessível; o objeto toma uma materialidade, uma substância, dá-se a crença de que é possível gozar desde que dele se aproprie. O sujeito percebe o objeto (o sujeito faz a droga), dá-lhe sentidos, os quais possuem uma natureza sempre ficcional.

Portanto, a droga comparece no contexto institucional não como pura exterioridade da qual se deveria livrar para iniciar-se um tratamento, mas como parte integrante do indivíduo. Disso resulta que a droga passou a desempenhar um papel central na organização desse sujeito, ocupando lacunas importantes na sua estrutura (esta que se imiscui no campo social), tornando-se, assim, o próprio fundamento da sua subjetividade,

Conforme sinalizamos, os significados sociais do uso de droga, naquilo que não pode ser compreendido como estando em função de determinadas causas, numa ideação fenomenológica da presença, tão somente, serão sempre especificados pela dialética do sujeito com o simbólico. Qual a relação interpretativa que mantenho com o outro social, este que porta o imperativo do consumo? Espera-se que a condição de submetimento estagnante a este imperativo venha se esboçar no horizonte de um tratamento, quando o sujeito perceber as modalidades de respostas denotadas pelo seu comportamento, pelas desmotivações para o estudo, trabalho ou sexo e “fissuras” pela droga, expondo a sua modalidade de relação com o produto a várias leituras possíveis, sinalizando os movimentos de interpretação acerca dessas posições no mundo.

A expressão “sujeito afetado pelos objetos”, versão recitativa da hegemonia dos objetos sobre o sujeito, diz respeito à crença de que os objetos podem ser integralmente consumidos; o “nada a faltar”, apregoado pelo discurso capitalista, parece sintetizar o atual modelo social de mercado, que tem uma função precípua na oferta dos chamados “gadgets”, objetos descartáveis que têm correlato com a ciência e seus avanços tecnológicos, o que culmina por determinar um tipo de organização da realidade social, esta que estamos neste estudo definindo como circunscrita ao imperativo GOZA! (LACAN, 1982).

O sujeito plasmado no objeto “[...] ilustra não somente a renúncia à mais-valia e ao seu desconhecimento, mas, pelo menos no início, o seu descrédito” (CHEMAMA, 1997, p. 67). É importante considerar este aspecto da posição do usuário na configuração social, posto que o “[...] mundo do sujeito e o do social constituem um único e mesmo universo” (idem).

Considerações finais

A oposição à estereotipia dos discursos sobre a droga, além da consideração das concepções diferenciadas do uso, abuso e dependência, forma o ponto de partida decisivo para o alcance do projeto institucional, o qual se atualiza permanentemente nas práticas devido às aporias do seu funcionamento com os condicionamentos políticos internos e externos.

Como prática que visa à abordagem pluridimensional da adolescência e suas vicissitudes, margeadas pela relação com a droga, o GAIA e o Espaço de Convivência se dedicaram a buscar a aproximação com outras instituições que também se dedicam a adolescentes, com o intento de aprimorar estratégias de intervenção para os problemas relatados pelos jovens. O que nos parece relevante destacar é a adequação do formato das atividades àquelas especificidades que integram o universo dos jovens, qual seja, o incentivo à produção artística através das oficinas de expressão e criação.

Não obstante as diferenças teóricas e metodológicas, a instituição objeto desse estudo pretende funcionar como um decifrador das estruturas subliminares referentes ao consumo de drogas, mediante os saberes que se mostram qualificados para opinar sobre essa relação específica do sujeito com a droga. Embora pautada em controvérsias, esta sua posição dá suporte à condição de descontinuidade, ou seja, de manutenção do hiato no lugar da verdade absoluta e derradeira sobre os sentidos das toxicomanias. Isso ocorre porque a linguagem não se reduz à trama dos discursos, ao formalismo dos seus enunciados ou na tentação de converter-se, meramente, num paradigma panfletário de saberes especializados, esperando, com esta lógica, que a verdade da diferença se inscreva e se expresse.

O projeto inicial desta pesquisa foi apresentado ao corpo institucional, explicitando-se a sua natureza (problemática, problema de investigação e objeto), os objetivos e o método. Obteve-se a aprovação e a concordância dos informantes em participar de forma voluntária, mediante consentimento livre e esclarecido, como também ficou assegurado o acesso aos documentos e relatórios disponíveis na instituição, mediante autorização escrita do coordenador-geral, sem evidências de conflitos de interesses ou concepções. A pesquisa foi conduzida dentro de padrões éticos exigidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa / Conselho Nacional de Saúde / Ministério da

Saúde (CONEP/CNS/MS), constituindo-se como estudo de caso para tese de doutoramento. Não houve financiamento institucional e/ou privado para sua consecução.

Referências Bibliográficas

- BECKER, Howard. *Outsiders*. New York: **The Free press**, 1973.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana**. In: **A Construção Social da Realidade**. São Paulo: Vozes, p. 56-57, 1966.
- BIBEAU, Gilles, PERREAULT, Michel. **Comprendre la ‘marge’ pour agir au coeur du problème**. Montreal: Boréal, 1995.
- CENTRO DE ESTUDOS E TERAPIA DO ABUSO DE DROGAS. Relatório anual de atividades do Espaço de Convivência. Salvador. 2005
- CENTRO DE ESTUDOS E TERAPIA DO ABUSO DE DROGAS. Relatório anual de atividades do GAIA. Salvador. 2005-2006.
- CHEMAMA, Roland. **Um sujeito para o objeto**. In: **Goza! Capitalismo, Globalização, Psicanálise**. Ricardo Goldemberg (Org.). Salvador: Ágalma, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. São Paulo: Forense Universitária, 1998.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- RICOEUR, Paul. **A fala e a escrita**. In: **Teoria da Interpretação – O discurso e o excesso de significado**. Lisboa: Edições 70, p. 20, 23, 28 e 33, 1976.

Informações sobre as autoras

Alba Riva Brito de Almeida

Psicóloga. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (2008). Atua no núcleo de Ações Comunitárias e da Pós-graduação do CETAD/UFBA (Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas). Professora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, no Curso de Psicologia, e Vice-Coordenadora do Curso de Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica pela Universidade Federal da Bahia. Vem pesquisando sobre práticas institucionais, modelos de atenção integral em álcool e outras drogas e sobre a clínica com usuários de drogas e seus familiares.

Leny Alves Bomfim Trad

Psicóloga. Doutora em Ciencias Sociales y Salud - Universidad de Barcelona (1996). Pós-doutorado em Antropologia da Saúde na Universitat Lumière - Lyon 2 (2006). Professor associado II do Instituto de Saúde Co-

letiva - Universidade Federal da Bahia, onde coordena o Grupo de Pesquisa e Cooperação Técnica FASA: Comunidade, Família e Saúde. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Ciências Sociais e Saúde e Planejamento & Gestão, atuando principalmente nos seguintes temas: comunidade, família e saúde; avaliação qualitativa de programas e políticas de saúde; abordagem etnográfica em saúde; humanização em saúde, etnicidade e saúde. Possui Bolsa de Produtividade em Pesquisa nível PQ2 pelo CNPq.